

## «O Verbo fez-se carne e habitou no meio de nós»

### Homilia de Natal

(Continuação)

Outro movimento, descendente, concretiza-se em S. João e diz que o Verbo eterno de Deus, pelo qual foi feita a primeira criação, encarnou no tempo na Pessoa de Jesus de Nazaré, para fazer uma nova criação: a redenção do homem decaído pelo pecado original. O Prefácio do Evangelho de S. João, que acabámos de ouvir, é o resumo dessa teologia da Encarnação.

No princípio era o Verbo. O Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele. E o Verbo fez-se carne e morou entre nós. A todos que O receberam deu o poder de se tornarem filhos de Deus.

O Verbo fez-se carne.

S. João teve tempo para reflectir a fé das comunidades primitivas. E deixou-nos este testemunho magnífico de quem viu e conviveu com o Verbo da Vida. Acreditou n'Ele com muitos outros e escreveu que o Filho unigénito que estava no seio do Pai veio ao que era seu e deu a conhecer o Deus que jamais alguém viu.

O Verbo é a Palavra de Deus. O Logos, a razão primordial, a Palavra criadora, pode parecer um ser insensível, distante, pura razão. Mas o Logos é um AMANTE com toda a paixão. Ele veio revelar-nos que Deus não é um ser insensível, mas o amor apaixonado pelo homem. Cristo é o Amor encarnado do Pai. A figura de Cristo dá carne e sangue aos conceitos. É o próprio Deus que vem ao encontro da ovelha perdida, da humanidade sofredora e transviada. E assim se revela o que é o ponto fundamental de toda a Revelação do Novo Testamento: Deus é Amor (cf. Encíclica de Bento XVI, n.º 12).

E o Amor de Deus fez-se carne.

É aqui que reside a diferença entre a fé cristã e as outras religiões monoteístas ou não. Acreditamos num só Deus, como os Hebreus e os Muçulmanos. Mas o Deus cristão é amor em três Pessoas, a SS. Trindade.

Hebreus e Muçulmanos, como outros crentes de outras religiões, têm fé num Deus transcendente. Mas estão longe de acreditar que Ele tenha encarnado. Aliás, temos de confessar que era muito difícil para um judeu admitir a Encarnação. É preciso ter-se vivido o itinerário espiritual de um S. Paulo, para se medir a enorme dificuldade que representa para um judeu ortodoxo o mistério da Encarnação... Se os companheiros de Jesus acabaram por acreditar que Ele era Deus e era o Filho de Deus, é porque Ele lho tinha dito com força suficiente para convencer cabeças duras e lho tinha provado, sobretudo depois da Ressurreição (O Deus de Jesus, pág. 18)

Os cristãos afirmam com S. João: O Verbo era Deus. E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós. Por amor do homem, o Filho veio ao que era seu, para que os seus O recebessem.

Esta lei da Encarnação deve inspirar toda a nossa pastoral.

É uma atitude primordial do Pastor. E inspira o homem e a mulher de fé. Cristo, sendo rico, fez-se pobre. Sendo transcendente, desceu do seu trono de glória e veio ao seio do povo. Ressoam aos nossos ouvidos as palavras do Êxodo: Ouvei os gritos do meu povo e desci para o libertar. Precisamos de descer dos nossos palácios de interiores, dos tronos da nossa importância e ir ao encontro da ovelha perdida e regressar a cantar, para ir dizer aos vizinhos e amigos: "Encontrei a ovelha tresmalhada!"

Não podemos remeter-nos ao templo e ao adro das igrejas. Passada a cristandade sociológica, torna-se necessário descer à rua e ir ao encontro dos homens onde eles estão, ir sobretudo à procura dos que gritam justiça ou sofrem, no segredo, as pobreza deste tempo. Recordo as palavras de Bento XVI, quando ainda era apenas um teólogo de renome: Talvez tenhamos de nos despedir das ideias de uma Igreja de massas. Estamos possivelmente perante uma época diferente e nova da história. Nela o cristianismo voltará a estar sob o signo do grão de mostarda, em pequenos grupos, aparentemente sem importância, mas que vivem intensamente contra o Mal e que trazem o Bem para o mundo, que deixam Deus entrar... Existem (hoje) formas fortes de presença da fé que voltam a dar ânimo, dinamismo e alegria às pessoas... (O Sal da Terra, 1996).

(Continua no próximo número)

# PARÓQUIA VIVA

Nº 294 – 01/01/2007

**Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo**

Telefone: 258 83 50 86 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquia.socorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



### Santa Maria, Mãe de Deus - Ano C



«os pastores ... encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. ... Maria conservava todas estas palavras, meditando-as em seu coração. ... Quando se completaram os oito dias para o Menino ser circuncidado, deram-Lhe o nome de Jesus

...» (Evangelho)

### Dia Mundial da Paz

#### - Resumo da mensagem do Papa -

A mensagem de Bento XVI para este Dia Mundial da Paz centra-se na “pessoa humana, coração da paz”. O seu pensamento gira à volta de duas ideias-força: ecologia humana e humanismo integral.

É através da primeira que se favorecerá “o crescimento da árvore da paz”: “ao lado da ecologia da natureza existe uma ecologia que podemos designar ‘humana’, a qual, por sua vez, requer uma ‘ecologia social’... A experiência demonstra que toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana e vice-versa”.

**O pároco deseja a todos os leitores deste Boletim um Ano Novo 2007 com muita Paz, Saúde e Alegria, cheio das Bênçãos do Deus Menino!**

Por sua vez, esta “ecologia humana” tem de estar assente num ‘Humanismo integral’, o qual implica, entre outras, uma correcta visão antropológica e teológica, o respeito pelos Direitos humanos, designadamente o direito à vida e à liberdade religiosa, o reconhecimento da igualdade de natureza para todas as pessoas e a aceitação de que cada pessoa tem direitos e deveres. A este propósito o Santo Padre cita uma significativa afirmação de Gandi: “o Ganges dos direitos desce do Himalaia dos deveres”.

Não menos significativa é a afirmação de que “não se pode admitir que sejam cultivadas concepções antropológicas que contenham nelas mesmas o germe da contraposição e da violência. São igualmente inaceitáveis concepções de Deus que estimulem o descaso para com os próprios semelhantes e o recurso à violência contra eles”.

De facto, “uma visão ‘débil’ da pessoa humana, que deixe espaço a qualquer concepção excêntrica, só aparentemente favorece a paz”. A paz é, com efeito, “uma característica da acção divina, que se manifesta tanto na criação de um universo ordenado e harmonioso, como também na redenção da história humana necessitada de ser recuperada da desordem do pecado. Criação e redenção oferecem, portanto, a chave de leitura que introduz na compreensão do sentido da nossa existência sobre a terra”.

(Continua na pág. 3)

## Santa Maria, Mãe de Deus – Ano C

### LITURGIA DA PALAVRA

**1ª leitura:** Núm. 6, 22-27

**2ª leitura:** Gál. 4, 4-7

**Evangelho:** Lc. 2, 16-21

Neste dia, a liturgia coloca-nos diante de evocações diversas, ainda que todas importantes.

Celebra-se, em primeiro lugar, a solenidade da Mãe de Deus: somos convidados a olhar a figura de Maria, aquela que, com o seu sim ao projecto de Deus, nos ofereceu a figura de Jesus, o nosso libertador.

Celebra-se, em segundo lugar, o Dia Mundial da Paz: em 1968, o papa Paulo VI quis que, neste dia, os cristãos rezassem pela paz.

Celebra-se, finalmente, o primeiro dia do ano civil: é o início de uma caminhada percorrida de mãos dadas com esse Deus que nunca nos deixa, mas que em cada dia nos cumula da sua bênção e nos oferece a vida em plenitude.

As leituras de hoje exploram, portanto, diversas coordenadas. Elas têm a ver com esta multiplicidade de evocações.

Na **primeira leitura**, sublinha-se a dimensão da presença contínua de Deus na nossa caminhada, como bênção que nos proporciona a vida em plenitude.

Na **segunda leitura**, a liturgia evoca outra vez o amor de Deus, que enviou o seu “Filho” ao nosso encontro, a fim de nos libertar da escravidão da Lei e nos tornar seus “filhos”. É nessa situação privilegiada de “filhos” livres e amados que podemos dirigir-nos a Deus e chamar-lhe “papá”.

O **Evangelho** mostra como a chegada do projecto libertador de Deus (que veio ao nosso encontro em Jesus) provoca alegria e contentamento por parte daqueles que não têm outra possibilidade de acesso à salvação: os pobres e os débeis. Convida-nos, também, a louvar a Deus pelo seu cuidado e amor e a testemunhar a libertação de Deus aos homens.

Maria, a mulher que proporcionou o nosso encontro com Jesus, é o modelo do crente que é sensível ao projecto de Deus, que sabe ler os seus sinais na história, que aceita acolher a proposta de Deus no coração e que colabora com Deus na concretização do projecto divino de salvação para o mundo.

### Natal mostra o valor da vida

O Natal de Cristo ajuda-nos a tomar consciência do valor da vida humana, a vida de cada ser humano, desde a sua concepção até à morte natural. Este o apelo lançado no passado Domingo, Vigília de Natal, por Bento XVI, antes da recitação do Angelus com os cerca de 40 mil fiéis presentes na Praça de São Pedro.

A quem abre o coração a este “menino envolto em panos e deitado numa manjedoura” – disse o Papa – ele oferece a possibilidade de ver com olhos novos a realidade de cada dia. Poderá saborear a potência do fascínio interior do amor de Deus que consegue transformar em alegria também a dor.

Nascendo na pobreza de Belém, Jesus quer tornar-se companheiro de viagem de cada um. Neste mundo, desde que Ele próprio quis colocar aqui a sua tenda, ninguém é estrangeiro, recordou Bento XVI explicando: “O dom surpreendente do Natal é precisamente este: Jesus veio para cada um de nós e nele tornou-nos irmãos. O empenho correspondente consiste em superar cada vez mais os preconceitos, destruir as barreiras e eliminar os contrastes que dividem, ou pior ainda contrapõem os indivíduos e os povos, para construir juntos um mundo de justiça e de paz.”

Mas a mensagem de Natal é sobretudo espiritual: “No coração da noite – prosseguiu o Papa – Jesus virá para nós, porém é seu desejo vir em nós, isto é habitar no coração de cada um de nós. Para que isto se verifique é indispensável que sejamos disponíveis e nos preparemos para o receber, prontos para lhe dedicar espaço dentro de nós, nas nossas famílias, nas nossas cidades.

E antes de concluir, Bento XVI pediu a Maria que nos ajude a manter o recolhimento interior confiando-lhe de maneira particular todos aqueles que estão a passar o Natal na tristeza e na solidão, na doença e no sofrimento, para que recebam conforto e consolação.

### Dia Mundial da Paz - Resumo da mensagem do Papa -

*(Continuação)*

Bento XVI aponta também como origem de violentas reivindicações, que constituem um “tremendo golpe infligido à paz”, “as gravíssimas carências de que sofrem muitas populações, especialmente no Continente africano”: “são particularmente insidiosas as desigualdades no acesso a bens essenciais, como a comida, a água, a casa, a saúde. A igualdade a este nível é, pois, um bem, inscrito naquela ‘gramática’ natural que se deduz do projecto divino da criação; um bem que não pode ser descurado ou desprezado sem provocar pesadas repercussões que põem em risco a paz”.

O Papa termina convidando os cristãos a servir com generosa dedicação a causa da paz: “Em Cristo, podemos encontrar as supremas razões para nos tornarmos paladinos seguros da dignidade humana e corajosos construtores da paz”.

### «O Verbo fez-se carne e habitou no meio de nós» *Homilia de Natal*

É grave e importante o acontecimento que celebramos hoje. Tão grave e tão importante que muitos dos que se cruzaram nestes dias nas ruas de cidades e aldeias passaram-lhe ao lado. E talvez nós próprios não tenhamos acordado para a gravidade do mistério que nos envolve. Precisamos de parar, meditar e rezar...

Há dois movimentos nos relatos bíblicos do Natal: um mais ascendente, que se concretiza em S. Lucas. O evangelista detém-se especialmente no relato histórico e em pormenores que mostram que Jesus, pobre, nascido no seio de uma família humilde, moradora num canto esquecido do império romano, realiza as promessas do Antigo Testamento: este Jesus é o Messias, Filho de Deus.

*(Continua na pág. 4)*